

A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS SOB A ÓTICA DE PROFESSORES DA EJA DE ESCOLAS PÚBLICAS DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO-PE

Karina Neves de Souza Damasceno¹; Eduardo Carlos Almeida de Lima²

Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão – FAINTVISA; jkfarois@gmail.com¹;
eduardo_lima18@live.com²

Resumo: O presente artigo trata-se de uma pesquisa que trata do estudo sobre a formação inicial e continuada dos professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de Escolas Públicas, na cidade de Vitória de Santo Antão. Existe uma carência da formação docente para atuação na EJA que começa na formação inicial, na qual, na maior parte dos cursos de licenciaturas, a disciplina de EJA aparece apenas como uma disciplina eletiva, então essa investigação busca analisar uma falta de uma formação específica para atuação na EJA, considerando sua formação inicial e sua prática docente como também refletir as dificuldades encontradas na formação inicial de Professores e Professoras para atuarem na EJA. Essa é uma pesquisa de natureza qualitativa e caráter indutivo, utilizando-se de questionários abertos para a coletas de dados, pode-se perceber que a EJA precisa ser vista como uma educação voltada para o profissionalismo, para a humanização e para o aperfeiçoamento do ser humano, essa mesma educação precisa cada vez mais ser fundamentada na academia e ser continuada ao longo de sua prática. Através desta pesquisa buscamos colaborar com o desenvolvimento de debates sobre a formação docente para a EJA, a formação inicial para professores e professoras da Educação de Jovens e Adultos é de suma importância para conduzir sua prática docente e que a formação continuada consegue, através da partilha de experiências, a partir da realidade do chão da escola, contribuir sistematicamente para o enriquecimento das práticas e com dinamismo na construção dos saberes em conjunto.

Palavras-chave: Formação inicial e continuada. Prática Pedagógica. Educação de Jovens e Adultos.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa insere-se no Grupo de Trabalhos (GT 12) Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas e pretende estudar a formação de professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de Escolas Públicas, na cidade de Vitória de Santo Antão. Assim, esse trabalho surge de reflexões oriundas de nossa história de vida e de experiências profissionais, pessoais, acadêmicas e sociais, tendo em vista que a partir de nossas vivências pudemos romper com antigas concepções e enxergar a EJA como um lugar escasso de pesquisas.

Existe uma carência da formação docente para atuação na EJA que começa na formação inicial, na qual, na maior parte dos cursos de licenciaturas, a disciplina de EJA aparece apenas como uma disciplina eletiva, diminuindo a importância dessa modalidade em detrimento da “escola regular”. Por este motivo, existem os fóruns que visam a discutir e promover ações que viabilizam as experiências positivas e negativas na oferta da EJA, na formação de professores e nas políticas públicas de manutenção da modalidade.

Diante de tantos desafios, para uma formação específica para professores atuarem na EJA, surgem inquietações do tipo: como proporcionar a esses professores e professoras da

EJA uma formação adequada para se trabalhar com tal modalidade? Assim, Capucho (2012, p.69) comenta que “a EJA continua a ser marcada pela docência improvisada, resultando em estudantes desprovidos(as) de conhecimento e desrespeitados(as) sem seus direitos”. A falta de uma formação específica para atuação na EJA pode acarretar nos docentes uma frustração a partir do momento que eles não têm uma formação acadêmica adequada para apresentar a esses alunos que eles podem ir muito mais além da sala de aula, em mostrar uma perspectiva de futuro a partir do diálogo proposto para a EJA.

Diante dessa reflexão inicial, adotamos como objetivo geral: Analisar a formação de Professores e Professoras da EJA de Escolas Públicas de Vitória de Santo Antão-PE, considerando sua formação inicial e sua prática docente. Como objetivos específicos, propomos: refletir as dificuldades encontradas na formação inicial de Professores e Professoras para atuarem na EJA; Fomentar debates sobre a Formação Docente para a EJA, a partir da divulgação dos dados oriundos da pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

Considerações sobre a formação inicial para atuação na EJA

Os Professores precisam utilizar sua experiência da maneira mais criativa para construção dos saberes dos seus estudantes de forma libertadora, como prega Paulo Freire (1970), em *Pedagogia do Oprimido*. Esses saberes podem ser construídos através de rodas de conversas entre educador e educandos, observando que o ato de ensinar não é algo que vem apenas do docente, tendo em vista que somos seres inacabados e que compreendemos que conseguimos nos reinventar a cada necessidade. Nessa perspectiva, Barcelos (2014, p. 30) lembra que a prática docente está ligada ao cotidiano, e envolve costumes, hábitos concepções formadas que estão ligadas a nossa construção enquanto sujeitos.

O professor da Educação de Jovens e Adultos tem que carregar consigo experiências e não somente conhecimentos por ter que trabalhar com alunos de diversas faixas etárias, atitudes e experiências vividas. A formação docente para atuar na EJA também está entrelaçada à formação enquanto pessoa do mundo, as expectativas de vida e ao que se almejam para si mesmos e para outrem (FREIRE, 1996). O professor da EJA precisa trabalhar a autoconfiança em seus alunos e demonstrar que eles precisam ter firmeza em sua liberdade até porque “ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade” (FREIRE, 1996, p. 36). A generosidade na constituição do docente está em dar a liberdade necessária aos alunos para que eles se assumam criticamente diante do mundo. Dessa forma, não se pode silenciar os alunos, é preciso deixá-los construir sua liberdade, a responsabilidade e sua

autonomia. Agindo assim, conseguimos fazer com que os alunos se relacionem com o mundo a partir de uma educação libertadora.

Diversidade na EJA: Diferenças sócio-culturais dos Jovens e Adultos

É notório que a educação é negada a determinados grupos ao longo da história. E por falar em história, conseguimos perceber o aprofundamento de tais injustiças até nos dias atuais, onde o acesso a livros, jornais e incentivo aos estudos é mais forte na classe média, parcela mais abastada da população, enquanto os menos favorecidos são marginais a determinados privilégios. A experiência na educação desses Jovens e Adultos mostra que ensinamos ao mesmo tempo que aprendemos e esse conhecimento é mais aceitável quando passamos de forma contextualizada, através de diálogos e vivências passadas adiante como método facilitador garantindo a existência e permanência da cultura vivida pelos populares.

Arroyo (2007, p. 06) afirma que “a juventude popular está cada vez mais vulnerável, sem horizontes, em limitadas alternativas de liberdade”, isso significa que os Jovens e Adultos atuais não criam uma perspectiva, largados a uma sociedade desfavorecida historicamente. Esses sujeitos enquadram-se em um nível social e cultural completamente diferente da classe média e ficam cada vez mais distantes dela e mais próximos do subemprego.

Dados do IBGE apontam que em uma população de mais de 92,1 milhões de brasileiros (as) e trabalhadores (as), o índice do emprego tem aumentando, mas esse aumento dá-se devido ao trabalho informal, com aqueles que não têm especialização necessária para viver formalmente num emprego, e essa porcentagem ultrapassa 37,1% do total, ou seja, 34,2 milhões, superando o contingente formal, que somava 33,3 milhões, já que esse sempre depende de uma formação. Por pensar nisso que muitos jovens e adultos buscam a EJA como portabilidade de futuro que diante dessa perspectiva é incerta.

Os Jovens e Adultos da EJA buscam a necessidade de seguirem suas vidas no subemprego para suprir seus anseios básicos, então porque não traduzir essa insuficiência para a sala de aula? Em fazer da matemática objeto para saber comprar e vender e, ao mesmo tempo, saber faturar? Em usar o português como princípio para uma boa oralidade e para poder confeccionar um bom cartaz para o seu negócio e por aí em diante, pensando sempre em uma maneira de qualificá-los para o mundo que os aguarda após a conclusão dos estudos básicos (ARROYO, 2007).

Os estudantes da EJA têm que experienciar essa aprendizagem cada vez mais entrelaçada ao mercado de trabalho, buscando não só sua conclusão mas a melhoria de suas habilidades, daquilo que realmente são bons e que os fazem felizes porque a felicidade os torna cada vez mais capazes. Como facilitadores, os professores precisam se apropriar dos

sonhos e desejos desses alunos para que possamos criar uma ponte entre a construção do conhecimento e o desejo internalizado em cada um, esse é o papel que Paulo Freire nos passa quando diz que “temos que buscar o cotidiano desses alunos para a construção desse conhecimento” (FREIRE, 1996). Dessa forma, consegue-se fazer com que aquele aluno que vendeu tomate a vida toda comece a refletir desde o modo de plantação até os meios de como aumentar sua produtividade, melhorando sua qualidade de vida, saindo do subemprego, da subvida.

A esperança de que é possível evoluir precisa ser ressuscitada nos Jovens e Adultos, buscando dentro de cada a afirmação de seu espaço, de sua identidade. Quando encontramos, em unidades escolares, locais sujos, paredes mal pintadas esse é um discurso silenciado do descaso do poder público com a escola e conseqüentemente com os alunos pois tudo o que fazemos no espaço escolar sempre tem uma função pedagógica e, quando esse é um ambiente agradável, atrativo, conseguimos facilmente a construção do conhecimento.

Temos que pensar nos currículos para a EJA, diante dos processos vivenciados nos coletivos de pessoas que o frequentam, pessoas que tem sua própria comunidade, suas próprias crenças e retomando a vivência do ser na sala de aula, evidenciando a memória rica de um povo ou comunidade seja ela negra, prisional, quilombola, africana, indígena, sem-terra, enfim homens e mulheres históricos (FREIRE,1996). Dessa maneira, a partir de diálogos, esses coletivos conseguem se conhecerem, se entenderem e saberem sua história, construindo sua autonomia e a identidade de seu povo. É preciso induzir os discentes a se assumirem como sujeitos sociais, históricos, sonhadores, tornando-se capazes de ser e fazer o que lhes faz feliz.

O artigo 37 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/1996 inclui a Educação de Jovens e Adultos como uma modalidade que deve unir-se ao ensino profissionalizante como mostra a regulamentação do parágrafo acrescido pela lei nº 11.764/2008, na qual a prática certa de que manterá esse educando em sala de aula de maneira diferenciada levando sempre como base a reflexão trazida pelo educador Paulo Freire em diversas obras desde 1964, que os profissionais para essa modalidade tenham concepção do educador como agente político na sociedade.

METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado através de uma pesquisa de artigos, livros e revistas que servem como fundamentação teórica para as ideias e experiências vivenciadas na formação inicial e continuada de professores e professoras da EJA.

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e caráter indutivo, utilizando-se de questionários abertos para as coletas de dados. Qualitativa por “explicar-se em profundidade o significado e as características do resultado das informações obtidas através de entrevistas ou questões abertas” (OLIVEIRA, 2005, p.39). Indutiva por se tratar de uma indução formal, concebendo a EJA como uma educação voltada para a humanização e criticidade por isso através dela “observa-se, experimenta-se, descobre a relação casual entre dois fenômenos e generaliza esta relação em lei, para efeito de predições” (MEDEIROS, 2010, p.32) e constatação dos fatos.

A organização, sistematização e análise dos dados obedeceram a 5 critérios ligados a natureza das questões que foram levantadas nos questionários, com a finalidade de esclarecer questões a respeito da prática docente dos sujeitos envolvidos na pesquisa - professores e professoras que atuam na EJA de escolas públicas de Vitória de Santo Antão.

As cinco questões foram agrupadas de acordo com os seguintes critérios: **Critério 1**- sobre as dificuldades que professores (as) encontram ao iniciar o trabalho com a EJA; **Critério 2** - a respeito das experiências exitosas vivenciadas no trabalho dos professores (as) da EJA; **Critério 3** - acerca da formação inicial de professores (as) para atuarem na educação de jovens e adultos; **Critério 4** - com relação a formação inicial na academia e o trabalho com a EJA; **Critério 5** - sobre a formação continuada para os professores da EJA. Em seguida, foram analisadas e discutidas, como mostra a sessão a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a análise dos dados da pesquisa, as respostas foram agrupadas, apresentadas e discutidas em 5 categorias, de acordo com a estruturação do questionário. As análises obedecem 5 critérios que serão apresentados a seguir:

Critério 1 - Sobre as dificuldades que professores e professoras encontram ao iniciar o trabalho com a EJA.

A partir da análise das respostas dos professores, pode-se verificar que uma das maiores dificuldades para se trabalhar com a EJA foi a falta de formação inicial, considerada por muitos sujeitos como algo essencial para o ingresso, como docente, nessa modalidade.

P¹ “Não ter vivenciado em minha graduação e nem tão pouco na especialização, disciplinas voltadas para o trabalho específico com a EJA”.

O docente da EJA precisa ter o preparo de como trabalhar com esses sujeitos, “atendendo não só os requisitos formativos para qualquer professor e também os relativas à complexidade diferencial desta modalidade” (BRASIL, 2000). Esses docentes têm que

P² “Falta de interesse por parte dos alunos por acreditarem que irão passar de qualquer forma, pelo fato de estarem atrasados no ensino regular”.

trabalhar com uma modalidade que, acima de tudo, deve-se preservar o saber que o aluno trás consigo para explorar ele em sala de aula de maneira pedagógica.

O professor (a) precisa, em sua prática, ter uma grande relação com os saberes que ensinam e com a experiência (TARDIF, 2000) em tornar suas aulas cada vez mais atrativas para ser um mediador na construção do saber de seus discentes e acabar com a ideia de que os alunos por estarem na EJA não precisam estudar.

P³ *“A maior dificuldade foi trabalhar com pessoas que não conseguem entender que clientela da EJA são pessoas que procuram a EJA para correr atrás do tempo perdido ou até mesmo ganhar uma oportunidade de emprego”.*

O subemprego cada vez mais assolando os brasileiros e brasileiras que estão fora da escolarização adequada então, muitos “jovens e adultos que acodem a EJA sonham ainda que através da educação terão outro futuro”, como afirma Arroyo (2007, p. 4), mas, ao chegarem no chão da escola se deparam com profissionais que não têm o preparo necessário para exaltar neles seus verdadeiros potenciais.

Critério 2 - Sobre experiências exitosas vivenciadas no trabalho dos professores e das professoras com a EJA.

A prática docente na EJA vai ao encontro do despertar dos sujeitos enquanto críticos de si mesmos e do mundo, contribuindo com suas experiências vivenciadas e exploradas em sala de aula.

P¹ *“A partilha das vivências dos alunos mais “velhos com maior experiência” para os mais jovens. Quando os jovens escutam os relatos começam a pensar em suas vidas, projetos e perspectivas de futuro”.*

Quando os discentes da EJA fazem a troca de experiência conseguem aprender mais. Freire (1996, p. 9) ensina que “Os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”. Sendo assim, a relação entre os discentes da EJA faz a construção do saber surgir a partir das experiências compartilhadas, proporcionando um saber igualitário e cada vez mais humano.

P² *“A culminância de um projeto pedagógico sobre o dia das mulheres, pois os estudantes se engajaram e debateram bastante, tornando a aula diferente”.*

Fica evidente que, enquanto educadores, multiplicadores de conhecimentos, temos que tornar o debate cada vez mais presente nas salas de aulas da EJA, provocando a curiosidade e o saber inato do educando para a constituição de novos saberes, pois “em termos críticos, é uma exigência que os momentos do ciclo gnosiológico vão pondo à curiosidade que, tornando-se mais e mais metodicamente rigorosa” (FREIRE, 1996, p.14), e essa curiosidade, somada a prática torna-se epistemológica.

P3 “*É ver nos olhos dos alunos a esperança que eles têm em uma EJA que possa encaminhá-los para a vida profissional*”.

A prática em sala de aula pelos professores (as) precisa servir como estímulo para esses sujeitos a serem os melhores em seus afazeres após o processo de escolarização, portanto “o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento” (FREIRE, 1996, p.33). Fazendo isso, o docente constrói juntamente com seus alunos sua autonomia.

Critério 3 – Sobre a formação inicial de professores e professoras para atuarem na EJA.

Os professores e as professoras que já estão no chão da escola percebem que sem uma formação inicial que possa atender as especificidades da EJA não se tem êxito ao se trabalhar com esses sujeitos que trazem consigo uma bagagem de vida.

P1 “*Na formação inicial (independente da área do professor) disciplinas voltadas para a EJA*”.

A necessidade em fazer uma formação inicial para atuação na EJA a todas as licenciaturas vem sendo debatida ao longo dos tempos, para que esses futuros professores(as) saibam como trabalhar com esses alunos e alunas, como diz na Confederação Nacional de Educação (CNE), “as licenciaturas e outras habilitações ligadas aos profissionais de ensino não podem deixar de considerar, em seus cursos, a realidade da EJA” (BRASIL, 2000). Essa realidade torna a modalidade apenas uma cadeira eletiva, quando ofertada, sendo obrigatória apenas nos cursos de pedagogias.

P2 “*Adaptar melhor o currículo a idade, com projetos que mostrem na prática o uso do conteúdo*”.

Muitos docentes sentem a dificuldade em trabalhar o conteúdo proposto por conta do desnivelamento de idades, justamente por ter o despreparo de como trabalhar com esses alunos, sendo assim “uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando” (FREIRE, 1996, p.4) é essencial, baseada na realidade de vida em que esses educandos estão inseridos.

P3 “*Que as formações fossem entre os alunos e professores com temas exclusivos da EJA*”.

Existe uma escassez considerável de formações continuadas para os professores(as) da EJA e é necessário que essa formação se dê sempre baseada nas necessidades ouvidas pelos alunos, para que juntos possam traçar as direções de trabalhos com a EJA.

Critério 4 – Sobre a formação inicial na academia e o trabalho com a EJA

A formação do(a) professor(a) parte da perspectiva de como promover o crescimento deles mesmos e assim o de seus alunos através da experiência de outrem.

P¹ *“Não. Minha primeira experiência com a EJA foi em 2009, buscando com colegas e pela internet referências para esse trabalho”.*

A falta de informações e de formações voltadas para esses docentes se reflete na maneira de como eles irão trabalhar com esses discentes, fazendo a ligação desses alunos com o mundo, através do conhecimento. Macedo (2010, p. 8) escreve que “o professor de EJA necessita de uma formação específica que contemple estudos sobre características de aprendizagem de EJA para que haja inovação prática e teórica” (MACEDO,2010, p.8). Esse professor (a) através dessas formações necessárias proporciona a seus alunos, aulas mais dinâmicas e específicas, voltadas especificadamente para a modalidade.

P² *“Não. Em minha formação não houve cadeira para estudarmos a EJA, então trabalho da maneira tradicional”.*

Quando o docente não tem um preparo adequado para a EJA, fica difícil participar dos processos de formação humana, articulados com os contextos social e histórico de cada educando, a partir do enfrentamento de seus processos de exclusão. Com isso, “esse profissional deve estar preparado para interagir empaticamente com esta parcela de estudantes e de estabelecer o exercício do diálogo” (MACEDO,2010,p.13), para que possam estabelecer um avanço mútuo entre docente e discente.

P³ *“Tive uma cadeira com 30hs/aulas na faculdade, e achei muito pouco para o tanto de experiência que já vivenciei em sala de aula”.*

Os fóruns de EJA fomentam que o trabalho com a modalidade é um processo contínuo e que se deve ser fundamentado na academia e levados para as salas de aula com formas pedagógicas capazes de seduzir aqueles que buscam retomar a escola. Os fóruns “hoje, estão presentes em todos os estados e no Distrito Federal, constituindo-se, em alguns estados, por uma organização descentralizada em vários fóruns regionais” (MACHADO, 2008, p.9), através dos fóruns são pensadas estratégias através de desafios trazidos pelos docentes e discentes.

Critério 5 – Sobre a formação continuada para professores (as) da EJA

A formação continuada contribui com o processo de aprimoramento dos saberes para os professores (as) das diversas áreas, mais imaturos na modalidade de Jovens e Adultos.

P¹ *“Encontros sistemáticos com trocas de experiências exitosas”.*

As formações continuadas contribuem com grande significado para as práticas em salas de aulas de formas dinâmicas, por essa razão “a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”

(FREIRE,1996, p.17) estabelecendo ao educador se reinventar a partir do conteúdo proposto para ministrar suas aulas.

P2 *“Deveriam ser diálogos que deixassem claro como passar o conhecimento da melhor forma para os alunos”.*

As rodas de diálogos nas formações continuadas para professores(as) proporcionam o fortalecimento das expectativas esperadas para a modalidade, fazendo o crescimento dos saberes em conjunto. Com isso, compreende-se que “a educação é processo que envolve necessariamente pessoas com conhecimentos em níveis desiguais propondo-se a compartilhar esses conhecimentos” (GATTI,2009, p.3), mesmo em áreas diferentes, os docentes se ajudam no compartilhamento de experiências para o melhoramento da modalidade.

P3 *“Com atividades lúdicas, interativas e processos que tornem o processo mais ativo”.*

As atividades dinâmicas proporcionam aos docentes a capacidade de interação e superação de suas dificuldades, já que os (as) sujeitos (as) da EJA chegam com o enfado de um dia de trabalho. É através do dinamismo em sala de aula que o professor faz esses alunos pensarem e agirem criticamente diante de sua prática pedagógica.

CONCLUSÕES

A partir da análise dos relatos dos professores e professoras, pode-se perceber que a EJA precisa ser vista como uma educação voltada para o profissionalismo, para a humanização e para o aperfeiçoamento do ser humano que, por diversos motivos, se distanciaram da escola, e que essa mesma educação precisa cada vez mais ser fundamentada na academia e ser continuada ao longo de sua prática. Através dos relatos dos docentes fica evidente que pouco se investe nas formações para os professores(as) dessa modalidade e que eles se apoiam no que já existe. Através desta pesquisa buscamos colaborar com o desenvolvimento de debates sobre a formação docente para a EJA, entendendo que buscamos a “compreensão da prática docente enquanto dimensão social da formação humana”, (FREIRE, 1996, p.7), contribuindo com aspectos relevantes para essa formação.

Com essa pesquisa, podemos concluir que a formação inicial para professores e professoras da Educação de Jovens e Adultos é de suma importância para conduzir sua prática docente e que a formação continuada consegue, através da partilha de experiências, a partir da realidade do chão da escola, contribuir sistematicamente para o enriquecimento das práticas e com dinamismo na construção dos saberes em conjunto. Concluimos, enfim, que os professores e professoras da EJA precisam “autoformar-se e reciclar-se através de diferentes meios, após [e ainda nos] seus estudos universitários iniciais” (TARDIF, 2000, p.7) para

conseguirem contribuir com a construção de práticas outras que fomentem a autonomia dos estudantes da EJA.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. Balanço da Eja: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares. **Revista de Educação de Jovens e Adultos**, v.2, n.0, p. 1-108, ago.2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz E Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz E Terra, 1987.

BARCELOS, Valdo. **Formação de professores para educação de jovens e adultos**. Petrópolis: Vozes, 2014.

CAPUCHO, Vera. **Educação de jovens e adultos: práticas pedagógicas e fortalecimento da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2012.

GATTI, Bernadete A. A formação de professores: condições e problemas atuais, **Revista Internacional de formação de professores**, v.1, n.2, p.161-171, Itapeninga, 2016.

MACEDO, Sandra Nogueira. **Formação de professores e a educação de jovens e adultos: Uma reflexão da realidade na escola Municipal Estelita Araújo Crespo**. Conclusão do Curso de Pós-Graduação em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologias Fluminense (IFRJ), Rio de Janeiro, 2010.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. Professores: entre saberes e práticas, **Educação e Sociedade**, 2001, nº 74, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2001.

MACHADO, Maria Margarida. Formação de professores para EJA: Uma perspectiva de mudança. **Revista Relatos da Escola**, v.2, n. 2-3, p. 161-174, jan/dez.2008.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica: a prática de fichamentos , resumos, resenhas**. São Paulo,2010.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

Brasil. **Parecer nº11, de 10 de maio de 2000**. Dispõe sobre as diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb011_00.pdf>. Acesso em 01/09/2018.

NUNES, Dilmalice. **Carta capital**. Disponível em; <<https://www.cartacapital.com.br/economia/No-Brasil-trabalho-informal-e-a-nova-regra>>. Acesso em: 01/09/2018.